



Projeto Mário Travassos

Artigo de Opinião

Investigando a Educação do Guerreiro

(Opinião de inteira responsabilidade do autor)

Suzana Marly da Costa Magalhães

2023

Investigando a Educação do Guerreiro

Suzana Marly da Costa Magalhães

Há quase vinte anos, eu era professora de História e Filosofia da Educação na universidade e não imaginava que um dia me ocuparia de educar soldados. Não falo dos recrutas do serviço militar obrigatório, os soldados no sentido estrito, mas os que o são no mais amplo sentido da palavra, os que, no Exército, chamamos de soldados de Caxias.

Era nos anos de 1990 e o que eu me lembro mais desses tempos confusos que se seguiram à queda do Muro de Berlim, nos quais ninguém sabia muito bem como agir, depois da derrocada das utopias revolucionárias, era da minha obsessão intelectual que, de algum modo, permanece até hoje: a passagem do tempo, a corrosão da memória e a decadência irremediável das coisas do mundo.

Dizendo de outro modo, eu me interessava pelo ensino tradicional, em completo declínio, o que é voltado para a transmissão das heranças simbólicas da sociedade e da cultura, a serviço de um ideal atemporal de humanidade. Esse paradigma já está sendo duramente refutado há décadas, considerado como a causa das piores mazelas educacionais. Evasão escolar, repetência, má qualidade pedagógica das escolas, tudo se devia aos encaminhamentos inadequados da educação tradicional, segundo o ponto de vista de educadores e especialistas de ensino.

Entretanto, eu lamentava a sua perda. Reconhecia o fato de que se trata de um modelo pedagógico antigo, cujas raízes estão no helenismo, e que traz as marcas de uma época na qual a cultura escrita era rarefeita. Poucos livros, muita memorização e oralização da palavra escrita, ditados e cópias, eis o resultado pedagógico.

Eu não repudiava as novas abordagens pedagógicas e psicológicas que propugnavam o uso dos métodos ativos centrados no aluno, tais como os trabalhos de grupo, mas pranteava a destruição da convicção na alma do aluno, em uma dimensão moral e subjetiva do processo educativo que transcendesse as finalidades políticas ou meramente pragmáticas do processo de formação humana, como diria Alan Bloom. De fato, uma vez destruído o ensino tradicional, não havia mais a preocupação de formar

peessoas virtuosas através de um patrimônio cultural que reunisse o que a humanidade havia produzido de sofisticado, complexo, sublimado, inventivo. Esse saber está agora em xeque, até por ser permeado por lógicas eurocêntricas e racistas, diriam muitos.

Essa nostalgia e inconformismo com o solapamento do ensino tradicional marcaram meu caminho profissional, mesmo anos depois, quando saí da universidade e fui para o Exército. Foi assim que, para compreender o meu presente de imersão nas práticas de socialização militar, tornando-me militar, comecei a me debruçar sobre o passado da guerra e do processo de formação das instituições educativas militares.

Foi assim que enxerguei um paradigma educacional que pulsava sob as aparências enganadoras da última moda pedagógica adotada nas escolas militares, das tecnologias da informação e da comunicação, dos métodos ativos, do professor mediador, dos projetos indisciplinados...Reconheci os traços distintivos daquela forma imemorial de educar e formar a sensibilidade mais recôndita do soldado, para prepará-lo para as contingências dos conflitos armados, marcados pelo enfrentamento do caos, destruição e morte: a Educação do Guerreiro.

Encontrei esse modelo educacional já na escola de formação militar, como aluna: alternância de funções de comando, ritos de passagem de portões, campo, exercícios de ordem unida. Muitas punições. Eram processos árduos, permeados por uma lógica de ordenamento estrito do tempo e do espaço. Talvez justamente por isso eu me dediquei a estudá-los e descrevê-los, a fazer um itinerário intelectual de busca de uma caracterização desse modelo de formação humana a partir das perspectivas das Ciências da Educação, da Psicologia, da Antropologia, da Literatura.

Descobri o quanto a Educação do Guerreiro é hoje como uma flor exótica, uma orquídea negra, severa e imponente que teima em florescer entre os muros ciosos das casernas, contrapondo-se à paisagem feérica e exuberante dos modelos educacionais do ocidente, sequiosos de felicidade e dos prazeres de uma existência de momento, já que seus deuses estão mortos há uns dois séculos, no mínimo, e levaram com eles os itinerários formativos calcados no esforço dos educandos em se superarem nos aspectos físicos, intelectuais e morais, rumo a um ideal transcendente.

Enquanto isso, nas Forças Armadas, não se pode matar os seus deuses. Os soldados têm que crer em si e na organização a qual se dedicam, em seus camaradas, em

suas missões. Senão, fugirão das situações de risco de vida que são frequentes na vida profissional.

Não falo aqui dos indivíduos. Sempre haverá os patifes e as boas pessoas, os egoístas e os altruístas em todas as instituições. É o modelo educacional que importa, o que arrasta as pessoas para dentro dele, de ponta cabeça, submersas em um vórtice de intensa conversão íntima, de construção de um universo pregnante de sentidos, sem o qual a sentinela fugiria de seu posto quando da invasão do aquartelamento ou do enfrentamento de um destacamento inimigo.

E é isso o que as instituições militares sempre tiveram que fazer e que a escola ocidental deixou de lado. Ouso dizer que até as instituições militares têm que enfrentar o desafio cotidiano de buscar capturar as almas e a sensibilidade dos aprendizes, aos seus cuidados, para se sacrificarem por algo maior do que eles mesmos. Está difícil mesmo para elas realizar o convencimento dos jovens para que prefiram os caminhos longos e árduos, os esforços constantes e os sacrifícios, contrariando a sua expectativa de que lhe seja facilitada a ascensão aos bons lugares sociais, ao domínio das técnicas e das destrezas, aos conhecimentos intelectuais, à conquista da generosidade e do sentimento de justiça.

Quem está fazendo isso, hoje em dia, como educador? Importa que os jovens tenham prosperidade material, um bom emprego, uma sinecura robusta, ou enriquecer nos negócios. Não interessa que sejam boas pessoas, nem que sejam instruídos, que tenham uma compreensão ampla e profunda da natureza da vida e do mundo. Todas essas dimensões são saberes desinteressados que não têm mais valor para ninguém. Era o que a pedagogia tradicional pretendia, a “a alma bela” de Schiller, uma variação da *Paideia* grega do desenvolvimento do homem em sua plenitude.

Em que pese as diferenças entre a Educação Tradicional e a Educação do Guerreiro, sobretudo em relação aos ideais estéticos, a educação militar tem afinidades com esse ideal multissecular acalentado desde os gregos, por propugnarem uma essência de virtudes morais que deveria ser cultivada cuidadosa e penitentemente em uma rotina ascética focada na incorporação de hábitos, na convicção de que a repetição da ação virtuosa concorre para o florescer das virtudes.

A verdade é que atualmente a Educação do Guerreiro tem que lutar constantemente para não perecer, como a sua congênere, a Educação Tradicional, que

decididamente se extinguiu do cenário educacional contemporâneo. É um desafio constante lutar contra as agruras e percalços do cotidiano nas repartições abarrotadas de papéis e de intrincados sistemas de informação, em formaturas que eventualmente podem se reduzir apenas à busca do controle regular do efetivo. Ainda mais na ausência de guerras que fomentem a heroicidade, as guerras consideradas justas, como a Segunda Guerra Mundial.

Ou seja, em épocas de mediocridade, sem possibilidades de superação de grandes obstáculos coletivos, é difícil encontrar as vias que conduzem à formação das pessoas de têmpera e de caráter. Ao que parece, a própria ideia de caráter soçobrou em favor da legitimação e do elogio dos traços espontâneos da personalidade. Todos estão decididamente satisfeitos consigo mesmos, como diria Giles Lipovetsky. Todos têm que se aceitar como são. As deficiências e limitações são negadas como tal. É terrível reconhecer que nunca houve uma época tão destituída do sentido do trágico que leva a reconhecer os limites do humano, admitindo a fragilidade imanente da finitude.

Decididamente, à educação atual aplica-se a imagem do jardineiro e não do oleiro, à moda de Jean-Jacques Rousseau. Como parece difícil a conversão de um jovem ao idealismo e ardor sacrificial, no recesso das escolas militares...Rigorosamente, no futuro próximo os jovens de hoje não atingirão a maturidade, ao perderem as ilusões encantadoras da juventude. Eles serão desde sempre velhos e cínicos, sem jamais terem confrontado a realidade permeada de indignidades e injustiças às suas altas aspirações morais e políticas.

Esse jovem será desde sempre o mesmo, aquele cujo frescor feneceu sob a égide do credo conformista do politicamente correto. Nas escolas e nas mídias, grassam interpretações consensuais desprovidas de bases teóricas e do cotejo com os fatos, mas é preciso segui-las para ser aceito passar nos exames, conseguir bolsas, ser admitido nos cursos de *stricto sensu* nas grandes burocracias das universidades, no campo editorial e nas mídias. Esse jovem tornou-se maduro sem jamais ter pensado por si mesmo, sem ter seguido as suas intuições, inclinações e afinidades eletivas. Um jovem que sempre buscou os aplausos dos sistemas de poder que diz desprezar, sob a influência dos teóricos libertários da moda, na imprensa, na Academia, no campo político, sendo incapaz de pensamento e de ação independente, sem o qual não se tem uma verdadeira formação científica e do cidadão crítico.

Nesse contexto, como é possível educar soldados? Eles continuarão em suas lidas na caserna e os jovens de que falo são os ingressam nas fileiras da carreira militar mais interessados talvez em um salário razoável e em vantagens pecuniárias do que na ética de sacrifício ou nas aventuras e peripécias próprias das operações militares. Como fazer para motivá-los a se encantarem com a cultura castrense? Esse é problema a ser enfrentado pelos educadores militares, mas também, por analogia, por aqueles que querem desenvolver ainda nos filhos e nos alunos a célebre tríade platônica do belo, do bem e do verdadeiro.

Os educadores militares e os que se identificam com a Educação Tradicional deparam-se com a situação de um barco que sobe uma correnteza sozinho, observando aqueles que vão sendo arrastados pelo caminho.

Entretanto o seu coração deve pulsar com esperança. Eles têm uma convicção e um propósito e devem saber o quanto esse velho mundo sempre foi precário e imperfeito, que os erros sempre foram mais abundantes do que os acertos e que faz parte da natureza das coisas a construção árdua do sonho e a sua destruição aparentemente irreversível. A crença desses educadores deve conduzi-los sempre à frente, sem a pretensão de obterem vitórias definitivas, satisfeitos em fazer sementeiras pequenas e humildes, na proporção da humanidade que nos corresponde, já que somente os deuses podem ter a pretensão da redenção total de um mundo permeado pela entropia...

